

## **Representações de Regiões do Hemisfério Norte e das Identidades do Sul na Imprensa Televisiva: A Comunicação Para a Paz Como Alternativa Para o Discurso Jornalístico Referente à Migração<sup>1</sup>**

André Aparecido MEDEIROS<sup>2</sup>

Raquel CABRAL<sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

### **Resumo**

A retratação das regiões do hemisfério Norte, referente à vida nos países economicamente desenvolvidos, costuma apresentar uma desproporcional carga de imagens relacionadas à felicidade, ao bem-estar e ao progresso. Por sua vez, as identidades de pessoas procedentes do hemisfério Sul, incluindo emigrantes, estão sujeitas a abordagens limitadas e preconceituosas, reforçando relações de poder que criam disparidades entre o cidadão nacional de sociedades receptoras de imigração e o imigrante. Tais fatos se tornam graves na medida em que, ao retratar assuntos de interesse público, o jornalismo exerce influência sobre a sociedade, produzindo discursos que repercutem na formação do imaginário coletivo, muitas vezes consolidando imagens deturpadas. Uma alternativa à comunicação tendenciosa pode ser encontrada em uma abordagem democrática, realçada na Comunicação para a Paz.

**Palavras-chave:** identidades emergentes; migração; jornalismo; relações de poder; Comunicação para a Paz.

### **Migrantes: entre o desejo de transformação positiva e o impacto da realidade encontrada**

A emigração (saída de um país ou região para viver em outro país ou região) deve ser estudada como um fenômeno social provocado por diferentes causas e com distintas características. As pessoas emigram por diferentes razões que podem envolver ordem social, política, econômica e pessoal, incluindo a busca por oportunidade de estudo, obtenção de renda financeira ou mesmo para se afastarem de conflitos ou catástrofes ambientais, buscando um espaço onde possam encontrar recursos para sobreviver com alguma qualidade de vida. A migração que intencione a busca por meios de obtenção de renda abrange a maior

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Comunicação Midiática da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), e-mail: moinhodeversos@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação Institucional pela Universitat Jaume I (Espanha). Professora na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), e-mail: raquelc@faac.unesp.br

parcela do fenômeno. Parte considerável de emigrantes sai em busca de um sonho, mas nos processos da migração se depara com situações que desencadeiam em frustração.

As transformações que a migração gerou não foram acompanhadas de uma mobilização cultural equivalente. É reconhecido que a migração é tida como um símbolo em termos de mobilidade que têm promovido processos globais inéditos e, inclusive, ampliado a consciência sobre alterações na dinâmica da cultura e da economia (ESCOBAR, 2000). Contudo, mesmo que atualmente a dinâmica tenha sido alterada de modo mais elevado – visto que, nas últimas décadas, as migrações aumentaram em número, produzindo rupturas nas estruturas rígidas que desenha a geopolítica e a geoeconomia – não foram produzidas as transformações culturais que remetam a mudanças no que se refere, dentre outras esferas, às práticas religiosas, políticas, econômicas, sociais, artísticas e comunicativas (ECHETO, 2012). Por conta disso, as migrações, nos últimos anos, formam parte das preocupações sociais, políticas e econômicas de muitos Estados.

Da migração resulta um fenômeno de exclusão social, desigualdade e insegurança, legitimando e normalizando os valores e imaginários sociais construídos a partir dos centros de poder, incluindo “o ideal do *sonho europeu* ou *americano* como paradigmas de felicidade e paz social” (CABRAL, 2012, p. 147, tradução livre, grifo da autora). A divisão do mundo em países pobres do Sul e países ricos do Norte, transmitidos nos imaginários sociais como sendo a terra de oportunidades e de realização, é apontada como obstáculo para uma visão que ultrapasse a imposta pelo modelo econômico, sendo também promotora da migração.

Há um forte apelo discursivo de que o desenvolvimento e o bem-estar social são alcançados por meio da acumulação de bens. A riqueza é associada à paz social e à felicidade. Para que se siga pensando que no interior dos países de economias desenvolvidas a felicidade será alcançada, desconsidera-se o fato de que tais países apresentem exclusão, desigualdade, empobrecimento, insegurança, violência e condições de vida indignas (CABRAL, 2012).

A opção pelo deslocamento com o conseqüente enfrentamento de riscos aponta para um problema estrutural forte o suficiente para deixar, em inúmeros casos, os perigos da migração em segundo plano. A necessidade de mudança ultrapassa o medo do incerto. Há ameaças consideráveis, como as trapaças dos intermediários, a dificuldade ou impossibilidade de acesso a serviços públicos no país receptor e a possibilidade de deportação. Muitas das situações não são esperadas por migrantes, contudo algumas são previstas e mesmo assim não são suficientes para provocarem a desistência da migração.

Diante de vários motivos que poderiam levar à resignação, a esperança se faz maior que o receio. Em meio a tentativas de alcançar um futuro com mais segurança para si mesmos e para suas famílias, vidas são colocadas em jogo. A chegada de frágeis embarcações com milhares de migrantes às costas de países, como Espanha, Itália, França e Estados Unidos, reflete o desespero de quem arrisca tudo na urgência da mudança (CABRAL, 2012).

A sujeição ao risco de morte diante da possibilidade de uma mínima paz social para a sobrevivência em terras distantes indica um grave problema social relacionado com estruturas políticas e econômicas, exposto na gritante desigualdade social, tanto entre os diversos países como dentro dos territórios de origem de migrantes; estruturas que, em sua injustiça, fazem com que muitas pessoas não vejam escolha a não ser o deslocamento. Em uma economia global onde apenas o dinheiro circula com facilidade, os fluxos humanos dependem das mesmas estruturas políticas e econômicas, ligadas aos interesses dos Estados e de outros atores transnacionais, tais quais: grandes corporações, empresas e bancos. Tais atores exercem sua influência de modo que, também após a mudança (mesmo quando bem-sucedida), frequentemente, as pessoas continuam enfrentando prejuízos da desigualdade social no território no qual se encontram (CABRAL, 2012).

A força estrutural do sistema econômico neoliberal necessita da lógica da desigualdade para continuar se movendo. O sistema exclui inúmeras vidas, negando a elas condições básicas de subsistência, como parte da desigualdade social que é fruto da busca da máxima rentabilidade de alguns, gerando um caos social (CABRAL, 2012). Assim, a causa da emigração de muitas pessoas continua sendo um problema a ser enfrentado na imigração.

Apesar de dados alarmantes em países do Norte, há que se considerar a recepção de imigrantes também nos países do Sul. Não se pode pensar que no Sul não ocorra discriminação para com imigrantes. São inúmeros e tanto ou mais graves os casos de violência na imigração “Sul-Sul”, como se nota no grande número de dificuldades na incorporação ao mercado de trabalho, na busca de moradia e na atenção sanitária encontrada por bolivianos/as em Buenos Aires, peruanos/as em Santiago de Chile, haitianos/as na República Dominicana (ALDÁS; FORERO; SALINAS, 2012), dentre outros exemplos, incluindo o território brasileiro.

Contrariando discursos excludentes e descomprometidos, a abordagem de imigrantes deve ser preocupação constante no Sul, especialmente em tempos de discussão de crise econômica. “Em contextos econômicos desfavoráveis afloram as discriminações que em outros momentos permaneciam latentes; discursos que são canalizados pelos grupos

conservadores como estratégias políticas para melhorar sua representatividade”, podendo haver inclusive a culpabilização da imigração pela origem da crise, desviando a atenção que deveria se voltar para a responsabilidade do poder político e econômico (ALDAS; SALINAS, 2012, p. 278, tradução livre).

A imagem do local adequado para se viver obedece a estruturas de poder: a mídia dá voz ao discurso do colonizador, em detrimento ao do colonizado. Em sua abordagem, a mídia estabelece uma relação entre a felicidade e a realização econômica a ser encontrada em países “ricos”. É pertinente estudar a construção promovida quanto à imagem dos países com economias desenvolvidas, pois constitui uma inspiração e uma influência para muitas pessoas, na formação de conceitos, opiniões e motivações.

### **A busca por outro lugar para viver e sua relação com a construção da imagem do hemisfério Norte**

Os meios de comunicação contribuem para maior aproximação das relações sociais e para um redimensionamento do mundo, em um contexto sem precedentes na história, com um potencial para estreitar laços entre distintas culturas, favorecendo o conhecimento e a inter-relação entre pessoas. No entanto, no que tange às migrações, o jornalismo e a mídia não têm assumido o tema com grande responsabilidade ética.

A problemática que envolve a migração possui intrínseca relação com a abordagem despreocupada da mídia. Uma causa relacionada com o imaginário social sobre o hemisfério Norte como sendo terra de prosperidade, existente nas sociedades atuais, se deve à irresponsabilidade dos meios de comunicação e a uma política econômica e de comunicação que visa a interesses de grupos específicos. Tais produtos alimentam a ideia de que há um mundo feliz, com melhores oportunidades e sem desigualdade. Valores e ideais por vezes confusos e equivocados referentes às migrações passam a ser legitimados. A falta de informações precisas gera frustração, decepção, separação familiar, perda de direitos e fomentam discriminação e sofrimento (CABRAL, 2012).

O jornalismo funciona como massificador de valores, legitimando imaginários de forma generalizada. As frustrações de imigrantes nos países de acolhida, ao reconhecerem como distante o sonho norte-americano ou europeu que os motivou a deixar seus locais de origem, apontam para uma problemática comunicativa; o jornalismo educa e constrói realidade por meio de discursos e da legitimação de valores e sonhos, [in]formando,

argumentando, seduzindo e lançando expectativas, por meio de uma construção social, incluindo a opção de [não] desmascarar concepções relacionados à noção de progresso.

A busca por outro lugar para se viver, quando não realizada por meios que a provoquem de forma mais direta (a exemplo, as causas ambientais, o exílio e a fuga de guerras) está diretamente relacionada com as imagens construídas sobre o *outro* lugar. As imagens fortalecem a esperança de que melhores condições de vida possam ser encontradas a partir do deslocamento, em uma relação que tende a colocar a imagem da nação colonizadora ou dominadora como ideal para a nação colonizada ou dominada.

Se, por um lado, a construção do imaginário do colonizador/dominador, favorecida pelo desenvolvimento econômico de seu território, é trabalhada de forma positiva, enaltecendo o progresso e dedicando atenção precária ou nula à pobreza existente nesses locais, por outro, a imagem da população colonizada/dominada obedece à outra ordem.

### **O discurso sobre “o outro”: representações de identidades do hemisfério Sul**

A mídia que auxilia na construção do imaginário de lugares ideais no Norte (impulsionando migrações), como complemento, aborda negativamente as comunidades de regiões em desenvolvimento econômico e favorece o estigma da população imigrada. As sociedades do Sul são inseridas em um universo de manipulação de imagens e discursos no qual a representação da sua identidade é parte de uma armadilha do sistema que gera preconceitos e discriminação, excluindo vidas. Na construção da imagem e do discurso, a mídia difere os dignos dos indignos. No processo de segmentação social, a pessoa migrante forma parte daquilo que é visto como sendo alheio, constituindo “o outro”.

“O outro” é o modo com que são identificados os perfis marginalizados, pois são constantemente julgados por perfis hegemônicos que, assim sendo, possuem maior poder de voz, distinguindo e exercendo influência. Assim, “o outro” quando se refere a migrantes ou a pessoas procedentes do hemisfério Sul, evidencia a percepção de habitantes de países do hemisfério Norte. Em um mecanismo social e comunicativo, a diferença existente entre o próprio e “o outro” é realçada em detrimento das semelhanças, de modo que o diferente é visto a partir de uma ótica distante, incluindo o campo emocional. A violência, em suas distintas formas, quando ocorre ao distante (ao “outro”) gera menos comoção do que quando ocorre ao próximo. Nesse contexto, o jornalismo atua diretamente nesse mecanismo por ser, atualmente, um importante construtor acerca da percepção de identidades.

O telejornalismo não faz uso justo do potencial democrático que seu alcance e influência favorecem. Ele exerce elevada interferência sobre as opiniões, algo que pode ser entendido pela união do jornalismo com a televisão, forte meio de comunicação. Dentre os meios de comunicação, a televisão se destaca em seu alcance e atuação, de modo que os assuntos por ela abordados, rotineiramente, são pautas da população, dada a sua visibilidade e a credibilidade a ela conferida. Entretanto, comumente, a influência do veículo não é empregada para promover o respeito e a justiça social. Como dito por Bourdieu (1997), a televisão, que poderia ser uma excelente ferramenta para a democracia, termina sendo um meio de exercício do poder simbólico, inclusive sendo utilizada para a opressão.

A estrutura de dominação da televisão pode ser explicada por meio de um apanhado histórico traçado por Bordieu (1997). Nos anos 1950, a televisão era pouco presente no campo do jornalismo. Inicialmente, comunicadores da televisão eram dominados em vários aspectos (cultural, simbólico, em prestígio e modo econômico), sendo menos eficientes e poderosos, porém com os anos, houve uma inversão da situação, de modo que a televisão tornou-se – no campo do jornalismo – dominante (econômica e simbolicamente), algo visível com a crise dos jornais impressos.

A força do jornalismo confere força a jornalistas. Jornalistas, para Bourdieu (1997), detêm uma forma rara de dominação, com o poder sobre os meios para se expressar publicamente, se tornando conhecidos e recebendo notoriedade, desencadeando no recebimento de uma elevada consideração. Esse poder, por vezes, é desviado para proveitos ideológicos, de modo que jornalistas podem impor à sociedade sua visão de mundo, pois possuem certo crédito para tal (poder simbólico).

Como explica Bourdieu (1997), as imagens possuem um poder de efeito de real; podem tornar algo visível e fazer crer no que mostram, em um poder de evocação com efeitos de mobilização, trazendo à luz ideias ou representações. Por isso, o que, em teoria, parece ser registro passa a ser criação de realidade. A televisão manipula a cena. Contrariando quem diz que uma imagem vale mais que mil palavras, o autor destaca que a imagem não é nada sem a legenda; o que é dito sobre a imagem conduz a atenção, fazendo visível um ponto de vista:

Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, levar à existência. E as palavras podem causar estragos: islã, islâmico, islamita – o véu é islâmico ou islamita? E se porventura se tratasse simplesmente de um xale, *sem mais?* Acontece-me ter vontade de retomar *cada palavra* dos apresentadores que falam muitas vezes levemente, sem ter a menor ideia da dificuldade e da gravidade do que evocam e das responsabilidades em que incorrem ao evocá-las diante de milhares de telespectadores, sem as compreender e sem

compreender que não as compreendem. Porque essas palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias ou, simplesmente, representações falsas. (p. 26, grifo do autor)

Certos termos pejorativos levam à recepção preconceituosa. Os comunicadores devem estar cientes disso, produzindo discursos responsáveis. Nesse sentido, constata-se que a mídia não tem feito escolhas justas. Os meios de comunicação utilizam, muitas vezes, termos depreciativos com força enunciativa para se referirem a migrantes, como: sem papéis, molhados, irregulares, onda de imigrantes (ECHETO, 2012). Nota-se que a mídia dirige a recepção por meio de suas escolhas.

Diversas vezes, temas delicados são retratados de maneira inadequada. Ao escolher o que será apresentado em um telejornal e ao construir a informação, a imprensa, segundo Bourdieu (1997), promove uma censura invisível, que pode ser notada na constatação de que, cotidianamente, a televisão mostra algo diferente do que seria preciso mostrar; mostra o que é preciso mostrar, mas de maneira a torná-lo insignificante; reconstrói a informação de modo a adquirir um sentido que não corresponda ao real.

A seleção da notícia busca pelo sensacional, convidando à dramatização. Enquanto certos fatos são mostrados de modo insignificante, outros são reconstruídos de modo a receberem elevada importância e gravidade, exagerando o caráter trágico, como aponta Bourdieu (1997). Conforme o autor sinaliza, na lógica instaurada, torna-se aceitável que em relação aos marginalizados, por exemplo, ocorra mais interesse em abordar as rebeliões, transmitindo uma ideia definida e fixa em um processo que faz uso da imagem e do discurso.

O tratamento que o jornalismo confere a migrantes e a pessoas do Sul contribui para a percepção da população. Os meios de comunicação cumprem a função de transmissores do discurso sobre a imigração, tendo em vista que cada imagem e cada componente linguístico não são escolhidos de modo aleatório (LIROLA, 2012). A autora (p. 210) aponta que a escolha das imagens e dos componentes linguísticos é motivada e criada “como resultado de um fenômeno simbólico complexo, que é capaz de influenciar significados”.

Os significados gerados, com frequência, apresentam migrantes como vítimas indignas. A distinção entre vítimas dignas e indignas está vinculada ao impacto da informação televisiva, se relacionando com: violência cultural, criação da imagem do inimigo, espiral do silêncio, maniqueísmo e desumanização, conforme Galán (2012). Em seu estudo (p. 160, tradução livre), o autor recorre à explicação de Chomsky e Herman (1990)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> CHOMSKY, N.; HERMAN, E.. Los guardianes de la libertad. **Propaganda, desinformación y consenso en los medios de comunicación de masas**. Barcelona: Crítica, 1990.

para os quais “os outros”, “os diferentes” ou “os inimigos” constituem “vítimas indignas que não merecem a mesma atenção e cujos direitos humanos têm uma menor consideração que os das pessoas ocidentais”.

A mídia pode ser manipuladora e violenta. As estratégias de desinformação e a violência cultural provocam o distanciamento do próprio com o “outro”, favorecendo conflitos violentos e armados (GALÁN, 2012). O estudo comprova essas estratégias ao lembrar que a mídia valeu de informações tendenciosas, de informações sem prova ou falsas, incluindo falas distorcidas e material criado para produzir, dentre outros: desprezo pelos mais de dois milhões de mortos pela bomba atômica, em Hiroshima e Nagasaki; justificativa à guerra fria, elencando o comunista como inimigo; fomento ao ódio dos estadunidenses ao inimigo espanhol; “hipnose” da Alemanha e de grande parte da Europa, impondo a violência do racismo para justificar o holocausto; convencimento do congresso dos Estados Unidos e justificativa à ação militar, iniciando a Guerra do Golfo Pérsico; favorecimento de uma “segunda e sangrenta” invasão no Iraque, por parte dos Estados Unidos; promoção e justificativa da invasão do Afeganistão, por parte dos Estados Unidos.

O contínuo bombardeio de imagens e produtos comunicativos gerou a imagem de um inimigo demonizado e desumanizado (GALÁN, 2012). O autor discute a criação da espiral de silêncio que leva o cidadão do mundo ocidental a sentir a pressão do apoio à ação militar no Afeganistão, como se, em caso contrário, estivesse traíndo a Deus, à pátria ou às vítimas do *World Trade Center*. Essa espiral leva a maioria pacifista a guardar silêncio para não sentir um rechaço social de uma suposta maioria favorável à guerra, gerando uma situação que traz à audição apenas as vozes belicistas. Rompe-se com o direito internacional e invade-se o Afeganistão gerando vítimas “indignas” em nome de vítimas “dignas”. Mesmo que ambos os tipos tenham morrido inocentes, a existência da vítima “indigna” é ocultada, sua morte não merece homenagem nem funeral de Estado.

Como se pode observar no estudo de Galán (2012)<sup>5</sup>, grande parte das pessoas jovens obtiveram a maior parte de seus conhecimentos a assuntos relacionados a pessoas de outras culturas e países (incluindo a população imigrante) por meio da televisão. A partir de veículos de comunicação, criam-se estereótipos, assumem-se certezas sobre a realidade e o diferente passa a ser visto como inimigo ou ameaça. A imagem de Osama Bin Laden aliada à informação de que se escondeu no Afeganistão, por exemplo, foi, na maioria dos casos investigados, motivo para que entrevistados acreditassem que a população afegã não é

---

<sup>5</sup> Galán investigou impactos de recepção televisiva entre jovens espanhóis de 15 a 17 anos.

confiável. Desumaniza-se a população afegã com a equiparação de sua imagem à de um terrorista, fazendo com que seja vista também como ameaça ou como um inimigo que suscita medo. Esse resultado pode ser justificado no fato de que o único conhecimento sobre o país Afeganistão que tais pessoas possuem provém da informação televisiva que, aparentemente, apenas o vincula ao terrorismo. Tal dado se agravou entre alguns estudantes mais condicionados por consumirem mais televisão e estarem mais “bem informados”.

Alguns países possuem protagonismo nos informes sobre violência. Observa-se que ocorrem associações simbólicas de questões genéticas, nacionalidade e religião com a predisposição à violência, à bondade/maldade e ao terrorismo (GALÁN, 2012). No mesmo estudo, os países classificados midiaticamente como mais “perigosos” (Iraque, Afeganistão e Palestina) equivaleriam aos que possuem maior protagonismo midiático nos informes televisivos, geralmente por motivos violentos. A pesquisa mostra ainda que alguns termos corriqueiramente usados em discursos políticos e propaganda de guerra (terrorismo, ameaça nuclear, ataque ou bombardeio preventivo, pátria) condicionam os receptores estudados. Essa imagem negativa é associada a pessoas imigradas, causando desprezo e subjugação.

A abordagem inadequada da pessoa imigrada também é reconhecida e problematizada por Aldás e Salinas (2012, p. 263, tradução livre):

A predominante representação negativa da imigração no debate público que invisibiliza suas contribuições nas sociedades receptoras contribui para que uma parte da população interiorize este rechaço e o manifeste a partir de sua cotidianidade em piadas, comparações, desqualificações e em uma série de discriminações em distintos âmbitos como a educação, a habitação e a saúde. [...] esse rechaço se evidencia na difusão de preconceitos e estereótipos negativos que colocam os imigrantes como um problema, reduzem as oportunidades laborais da população local, geram insegurança cidadã, saturam e se aproveitam do Seguro Social, entre outros.

Reforçando a premissa de que a mídia faz uso de estereótipos em sua cobertura, pode-se citar o estudo realizado por Santos (2012), sobre o discurso da imprensa de referência do Canadá e na Espanha quanto à abordagem de imigrantes. A reflexão inicia questionando as razões pelas quais se mostram pessoas com determinadas características físicas (mulheres com o véu típico da religião muçulmana, pessoas de aparência andina, homens e mulheres com a pele negra) em uma reportagem espanhola sobre imigração considerada como irregular, como se não fosse possível que tais pessoas, com aquelas características, pudessem ter nascido na Espanha. A imparcialidade de tais imagens é reforçada pelo fato de que não foi realizada entrevista com quaisquer das pessoas exibidas, de modo que não há como comprovar se eram realmente imigrantes, quiçá “irregulares”.

Mesmo que migração seja um tema recorrente, observa-se que não é abordado tanto quanto poderia ser (quantitativamente e qualitativamente). O discurso da mídia, diversas vezes, contribuiu para a discriminação e a exclusão social de imigrantes nas sociedades de acolhida, sendo uma forma de violência cultural, gerando polêmicas e rechaço (SANTOS, 2012). Evidenciou-se ênfase às diferenças e não às semelhanças entre a população das sociedades de acolhida e as pessoas imigradas. Diversas vezes, a imagem de imigrantes foi construída como uma problemática aos países receptores. Com frequência, foi ignorada a crise econômica global, delegando-a para um segundo plano na abordagem da imigração.

No menosprezo conferido à abordagem, a mídia, incluindo o jornalismo, reduz um tema complexo como é a migração e alimenta a discriminação. O receptor da informação é levado a criticar o outro, projetando em suas ações as contradições sociais ligadas aos problemas e demais assuntos perturbadores da ordem almejada (VICENTE, 2012). O autor considera inquietante o fato de que práticas formadoras de subjetividade – como o papel desempenhado pela mídia, central na discussão e no embate no qual a migração é colocada, carregando elementos formadores de sentido, subsidiando uma interpretação do público na hora de receber a informação – estejam longe de serem neutras ou imparciais.

É necessário conhecer as estratégias discursivas para que se possa intervir. Ao entender as estratégias formadoras de opinião quanto às pessoas imigradas, poderá ser ampliado “o conhecimento sobre como elaborar instrumentos e iniciativas que, a partir do olhar dos Estudos para a Paz, trabalhem para humanizar o processo migratório e pôr fim à marginalização e à invisibilização do coletivo imigrante” (SANTOS, 2012, p. 191).

Há de se pensar em modos diferentes de promover a comunicação. Para que nenhuma mentira se torne verdade e nenhuma verdade seja encarada como mentira e para que o que merece ser dito não seja omitido por interesses sistêmicos com o uso de informações para preencher espaço da programação ou alavancar altos índices de audiência, a comunicação precisa assumir e oferecer uma perspectiva comprometida com a paz.

### **Outras abordagens são possíveis: Comunicação para a Paz e interculturalidade**

É necessário refletir acerca dos modos como a informação é escolhida e transmitida. Em meio a uma lógica de lucro, o telejornalismo (e qualquer outro produto cultural, artístico ou comunicacional) é um potencial suporte do sistema utilizado para a dominação, mas também figura entre as estratégias de disseminação da equidade e da justiça social. O

telejornalismo possui grande importância para uma percepção ampla acerca de identidades do Sul e para uma percepção equilibrada das regiões do Norte do nosso planeta. Ele pode contribuir para maior consciência solidária, necessitando ser pensado em termos democráticos.

Na reflexão sobre os discursos do jornalismo no campo acadêmico e profissional é necessário reconhecer que as vozes de imigrantes costumam ser negadas. A falta de espaços equilibrados ao debate trabalha na construção de preconceitos, indo de encontro à promoção da cidadania e do engajamento social.

Nesse contexto, partindo das contribuições da comunicação para a Cultura de Paz, é necessário fomentar novos discursos que formem imagens e representações de um futuro mais justo, de modo a ajudarem a criar e a legitimar uma consciência ética, informada e responsável sobre as migrações, orientando ações para a construção de imaginários solidários que impulsionem medidas concretas. “Necessitamos recuperar a responsabilidade e a ética em nossas maneiras de nos comunicar para legitimar a imagem de um mundo livre de colonizadores” (CABRAL, 2012, p. 156, tradução livre).

É necessário sensibilizar para que aquele que se lança em uma viagem migratória seja consciente de que existem situações que não são apresentadas nos discursos construídos para corresponderem à visão de um mundo feliz, abordada em diferentes produtos culturais (CABRAL, 2012). Devendo guardar a força necessária para ir contra a corrente, comunicadores das regiões do Sul devem ser conscientes da importância de trazer à tona outros discursos referentes ao Norte, bem como de desconstruir certos discursos existentes, evitando que o sonho imaginado por muitas pessoas esteja distante do que será realizado, caso se sujeitem a uma emigração. Além disso, também precisam refletir sobre a imigração nos territórios em que atuam, buscando adequados enfoques.

Outros modos de perceber a felicidade precisam ser encontrados. A imagem do colonizador, com o ideal de riqueza e bem-estar que carrega, não pode ser transferida de modo a levar tantas pessoas a imaginar que a paz social se encontra em direção ao Norte.

[...] além das estruturas de um sistema consumista, que impulsiona o cidadão a criar e a buscar novas necessidades, existe a subjetividade do ser humano que não obedece a uma lógica produtiva, mas tem sua própria dinâmica. Daí, os inúmeros testemunhos de saudades dos seus, de sua terra, idioma e culinária. (Cabral, 2012, p. 154, tradução livre)

As abordagens precisam ser ponderadas, dosando informações. A estrutura democrática de mídia deve buscar a honestidade e um equilíbrio entre os interesses particulares e públicos, considerando legítimas as “considerações econômicas e de controle

da mídia, assim como a necessidade de atividades que não assegurem lucro imediato”, incluindo a necessidade global por fatores “de informação, contextualização e transparência, desvinculados, tanto quanto possível, de interesses particulares.” (SHINAR, 2008, p. 39)

A construção ponderada da informação promove a mudança positiva. A transformação dessa situação de desacato social está diretamente relacionada a fatores de empatia: o filtro que distingue o que merece ser visto daquilo que ficará invisível; as pautas de cada reportagem; as escolhas das imagens a serem exibidas; a formulação do discurso que acompanhará as imagens e o tratamento das identidades emergentes. A comunicação, incluindo o telejornalismo, precisa se pautar na equidade.

A estrutura democrática se liga ao jornalismo para a paz, uma estratégia que busca melhorar as representações da mídia, a construção da realidade e a consciência crítica. O jornalismo para a paz se propõe a explorar antecedentes e contextos da formação de conflitos, dando voz às diferentes partes envolvidas, assegurando que o conflito seja visto como algo a ser transformado e não meramente como um problema. A abordagem do jornalismo para a paz é construída de modo a tornar mais transparentes as fontes da mídia, os processos e os efeitos e, assim, tratar as histórias em termos mais amplos, justos e precisos do que os termos ditados por interesses de governos ou pela cultura e estrutura de índices de audiência (SHINAR, 2008).

Atuando juntos, estrutura democrática e jornalismo para a paz possuem o poder de “incrementar a eficácia de programas de desenvolvimento, reduzir o desnível socioeconômico, a corrupção e a exploração, e, também, aumentar o respeito social e o auto-respeito pelos elementos mais frágeis das sociedades em desenvolvimento” (SHINAR, 2008, p. 40). As identidades de migrantes, considerando as abordagens que recebem e as violências às quais são submetidas, se situam entre os elementos frágeis, se encontrando em recorrente posição de vulnerabilidade.

Os profissionais da comunicação, incluindo jornalistas, devem estar conscientes de suas funções sociais. Sua atuação pode estar pautada em alguns princípios básicos: a não invisibilização de aspectos sociais negativos nas regiões do Norte; a não invisibilização de aspectos positivos nas regiões do Sul; o não julgamento de identidades de pessoas migrantes; a promoção de um sentimento de interculturalidade e de convivência pacífica.

A adequada convivência com “o outro” deve ser promovida por meio da problematização dos estigmas que promovem segregação. Mesmo que metade dos estudantes tenha assumido estereótipos e a imagem do *outro* como a de um inimigo, no exemplo de

Galán (2012), o adequado incremento de estrangeiros nas aulas gerou laços pessoais que diluem no plano interpessoal o discurso preconceituoso. Seguindo estratégias de integração, não apenas as abordagens da educação formal, mas também as jornalísticas precisam atuar na dissolução de estereótipos, para que o público perceba uma visão mais ampla da realidade e não receba motivações de segregação.

Violência, desprezo e exclusão podem ser substituídos por respostas mais empáticas, respeitosas e solidárias, apontando que todos os seres humanos têm competências para a convivência em harmonia. O processo para aprender a viver junto, para coexistir e fazer um mundo mais seguro para a diversidade, deve receber o envolvimento de toda a sociedade. É necessário inculcar nas pessoas o respeito e a necessidade de aprender a conviver com a diferença, por meio de um processo que abrange a comunicação (RICO, 2012).

A lógica do global precisa ser instaurada. A ética centrada no território, na nação ou na raça de pertencimento é causa de inúmeros conflitos no mundo. As pessoas são vistas a partir de rótulos, sendo evidenciadas as diferenças no lugar das semelhanças e da subjetividade. Constitui um desafio modificar as maneiras de ver-nos e perceber-nos.

Inspirada na lógica do global, a comunicação deve sustentar o direito cosmopolita e a cidadania mundial intercultural. Deve estar comprometida com a formação de pessoas engajadas diante das injustiças e da reivindicação de direitos que, assumindo um compromisso com a solidariedade, não deixem margem à indiferença. Deve inspirar o pensamento crítico, auxiliando a ver além do aparente, para detectar as causas de conflitos (ALDÁS; FORERO; SALINAS, 2012).

Contrária a uma tradição ultrapassada, as investigações e abordagens sobre os fenômenos migratórios requerem tratamentos transversais, abertos, plurais e interculturais, abrangendo práticas de análises locais e micropolíticas. É necessário que investigadores e comunicadores formulem novas perguntas sobre os desenhos que se criam em cenários financeiros, econômicos, socioculturais e midiáticos, caracterizados por suas irregularidades, instabilidades e descontinuidades (ECHETO, 2012).

É necessário “humanizar” o tratamento. Ao encontro do jornalismo voltado para a paz, Santos (2012) considera que o caminho para a mudança pode ser percorrido por meio do oferecimento de um quadro mais completo que faça o receptor do conteúdo refletir sobre a vida de imigrantes. Ressalta a necessidade da *humanização* no tratamento da imigração, apresentando a história pessoal de alguns/mas imigrantes, apresentando famílias que chegam com sonhos e desejos de mudança e crescimento, como qualquer pessoa autônoma. A

abordagem carece da apresentação de uma perspectiva que explique e contextualize a realidade de quem chegue, sendo essa a visão que gera empatia, *humaniza* imigrantes e ressalta seus aspectos positivos.

Também é preciso sensibilizar a abordagem; “a sensibilização é um pilar central para a integração dos imigrantes e para promover a convivência pacífica, mais ainda em um contexto como o atual caracterizado pelo aumento da xenofobia e do racismo” (ALDÁS; SALINAS, 2012, p. 254, tradução livre). Os autores consideram como importante mostrar aos cidadãos das sociedades receptoras diferentes contribuições de imigrantes, pois elas costumam ser desconhecidas, fruto do predominante discurso negativo no debate público.

Comunicadores possuem a importante função de promoverem a mudança do foco e a denúncia. Mesmo que os discursos que estigmatizam imigrantes tenham força, Santos (2012) acredita na boa vontade de profissionais da mídia para trabalhar pela mudança do olhar. A Comunicação para a Paz oferece alguns recursos para tal mudança. O avanço na denúncia e na discriminação do trabalho para um tratamento justo a todos e a todas que integrem as sociedades é, conforme Santos, absolutamente possível, sendo um passo importante.

Diante desse panorama e discussão, cabe reforçar que a discriminação a qual algumas pessoas estão mais sujeitas constitui uma preocupação que não deve estar relegada a um segundo plano. Comunicadores devem ser sensíveis e devem buscar construir e respaldar discursos que promovam a igualdade de tratamento, realizando constantes questionamentos dos preconceitos vigentes. Não apenas as políticas públicas, mas também a comunicação é responsável por gerar condições para construir uma sociedade igualitária e inclusiva.

## Referências bibliográficas

ALDÁS, Eloísa Nos; FORERO, Eduardo Andrés Sandoval; SALINAS, Alex Iván Arévalo. Introdução – A comunicação e a educação para a paz nas migrações; Tradução Raquel Cabral, Martín dos Santos e Fabricio Carrijo Borges. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Migraciones y cultura de paz**: Educando y comunicando solidaridad. Madri: Dykinson, S. L., 2012. pp. 31-38.

ALDÁS, Eloísa Nos; SALINAS, Alex Iván Arévalo. Crisis económica en España, discursos e inmigración: replanteando prejuicios y estereotipos. In: ALDÁS, Eloísa Nos; FORERO, Eduardo Andrés Sandoval; SALINAS, Alex Iván Arévalo (Org.). **Migraciones y cultura de paz**: Educando y comunicando solidaridad. Madri: Dykinson, S. L., 2012. pp. 253-281.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CABRAL, Raquel. Imaginarios sociales y migraciones: la imagen de *un mundo maravilloso* en la imagen del colonizador. In: ALDÁS, Eloísa Nos; FORERO, Eduardo Andrés Sandoval; SALINAS, Alex Iván Arévalo (Org.). **Migraciones y cultura de paz**: Educando y comunicando solidaridad. Madri: Dykinson, S. L., 2012. pp. 147-156.

ECHETO, Víctor Silva. Poéticas visuales de la periferia: extranjerías y migraciones. In: ALDÁS, Eloísa Nos; FORERO, Eduardo Andrés Sandoval; SALINAS, Alex Iván Arévalo (Org.). **Migraciones y cultura de paz**: Educando y comunicando solidaridad. Madri: Dykinson, S. L., 2012. pp. 133-145.

ESCOBAR, Arturo. El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: ¿globalización o postdesarrollo?. In: LANDER, Edgardo (Org.). **Colonialidad del Saber**: eurocentrismo y ciencias sociales – Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

GALÁN, José Ignacio Martín. Los discursos mediáticos, la información televisiva y la percepción de la población inmigrante. Imaginarios sociales y migraciones. In: ALDÁS, Eloísa Nos; FORERO, Eduardo Andrés Sandoval; SALINAS, Alex Iván Arévalo (Org.). **Migraciones y cultura de paz**: Educando y comunicando solidaridad. Madri: Dykinson, S. L., 2012. pp. 157-171.

LIROLA, María Martínez. Towards a deconstruction of the ideology on immigration in the free press through words and images. In: ALDÁS, Eloísa Nos; FORERO, Eduardo Andrés Sandoval; SALINAS, Alex Iván Arévalo (Org.). **Migraciones y cultura de paz**: Educando y comunicando solidaridad. Madri: Dykinson, S. L., 2012. pp. 197-212.

RICO, Sophia Herrero. Educando para la paz a través del reconocimiento de la diversidad. In: ALDÁS, Eloísa Nos; FORERO, Eduardo Andrés Sandoval; SALINAS, Alex Iván Arévalo (Org.). **Migraciones y cultura de paz**: Educando y comunicando solidaridad. Madri: Dykinson, S. L., 2012. pp. 41-56.

SANTOS, Martim dos. El discurso de la prensa de referencia de Canadá y España sobre la inmigración. In: ALDÁS, Eloísa Nos; FORERO, Eduardo Andrés Sandoval; SALINAS, Alex Iván Arévalo (Org.). **Migraciones y cultura de paz**: Educando y comunicando solidaridad. Madri: Dykinson, S. L., 2012. pp. 173-195.

SHINAR, Dov. Mídia democrática e jornalismo voltado para a paz. **Líbero**, ano XI, n. 21, 2008, pp. 39-48.

VICENTE, Maximiliano Martín. Imigração e discriminação: a contribuição da imprensa no caso dos bolivianos em São Paulo. In: ALDÁS, Eloísa Nos; FORERO, Eduardo Andrés Sandoval; SALINAS, Alex Iván Arévalo (Org.). **Migraciones y cultura de paz**: Educando y comunicando solidaridad. Madri: Dykinson, S. L., 2012. pp. 213-232.